

PEDAGOGIA DAS RUAS: CAMINHAR, CORRER E PEDALAR

DR. ÁLVARO LUÍS ÁVILA DA CUNHA

Doutor em Educação Ambiental

Professor do Curso de Educação Física da UNIPAMPA – Campus Uruguaiana

MS. VERA LUCIA GAINSSA BALINHAS

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPel

Resumo | Este texto é um recorte do projeto de ensino e pesquisa em andamento no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa UNIPAMPA-Uruguaiana. Nosso objetivo é tornar mais visível o contexto e as comunidades escolares envolvidas nas ações educativas dos/as licenciandos/as, favorecendo o processo de formação e atuação profissional. Buscamos, através deste estudo, oportunizar o contato, o conhecimento e a reflexão acerca das formas de habitar e viver a cidade, utilizando a caminhada, a corrida e a pedalada, fazendo da cidade nosso currículo. Para tanto criamos o Grupo de Estudos Movimento e Ambiente – GEMA, que durante todo o ano de 2011, semanalmente reuniu acadêmicos/as e professores/as para pensar os trajetos, as formas de percorrê-los e analisar os registros realizados por eles; compostos por descrições, fotografias, desenhos, poesias, murais, instalações artísticas, mapeamentos e documentários. Nossa intenção é produzir significados/conhecimentos que abarquem a dimensão corporal e socioambiental. A cidade vem constituindo o universo subjetivo dos/as estudantes, permitindo fazer a articulação entre o global e o local, entre a educação básica e os cursos de licenciatura, entre o corpo e o ambiente.

Palavras-chave | Formação docente; movimento; currículo; ambiente

O CAMINHO

As experiências de formação docente em cursos de licenciaturas e nas vivências com a educação básica em inúmeros projetos permitiu

construir um plano de trabalho para a licenciatura de Educação Física, mobilizando estudantes com vistas à elaboração de um mapa socioambiental das comunidades escolares de Uruguaiiana e região.

Este projeto partiu da criação de um grupo de estudos, constituído por acadêmicos/as do I, II e III semestres do curso de Educação Física, de professores/as de outros cursos de licenciatura, contando também com a parceria de doutorandos/as de outras instituições federais de educação.

Pensamos a profissão docente como espaço de pesquisa, em que estudantes atuam e investigam, desde o 1º semestre do curso, as realidades educacionais, agindo como planejadores/as da intervenção que farão na escola, alargando o campo de estudo do estágio e do trabalho de conclusão da graduação (VELASCO, 2008).

No processo de formação de professores e professoras de Educação Física, nesta cidade e em outras cidades e instituições, tivemos a oportunidade de utilizar a cidade como espaço e tempo pedagógico, a caminhada como prática pedagógica. A Educação Física como ponte entre escola e cidade, se configura em possibilidade curricular que tenta escapar dos processos educativos regrados pelos conhecimentos que “devem aprender” e pelos conteúdos que “devem ser vencidos”.

O andar em grupo, longas distâncias e longo tempo, promove a socialização, o reagrupamento e outras formas de relação com os outros. Notamos que o efeito tranquilizador da caminhada parece contagiar as relações que se estreitam, surgindo proximidades diferentes daquelas experimentadas na sala de aula ou no ginásio da instituição universitária (THOREAU, 1990; BENJAMIN, 2000).

Algumas indagações balizam nossas saídas, observações e registros, entre elas: Como se apresentam os aspectos históricos e geográficos da região? Quais as condições socioambientais dos bairros e do centro? Como planejar processos educativos motivadores, considerando tais realidades?

Tendo em vista que na instituição a maioria dos/as professores/as não pertence à região do pampa e que os/as acadêmicos/as muitas vezes não percebem as diferenças e características da região, este projeto tem a pretensão de refletir o contexto e as comunidades escolares onde atuamos

e atuaremos como professores/as estagiários ou orientadores/as nos estágios ou, simplesmente, como pesquisadores/as. Além disso, o estudo propõe que os/as acadêmicos/as e os/as professores/as possam compartilhar saberes, vivências, histórias e, de forma interdisciplinar, entender e compreender as relações entre ritmos corporais, indivíduos e ambiente.

Importa considerar que na dinâmica da sociedade contemporânea o/a profissional, principalmente o/a licenciado/a, ao incorporar a dimensão ambiental em sua prática pedagógica, permite valioso espaço no campo profissional, cada vez mais ávido de propostas, projetos e ações que levem em conta a problemática socioambiental, exigindo profissionais que busquem minimizar ou por em evidência os impactos humanos na natureza não humana. Questões como essas moveram a criação do Grupo de Estudos Movimento e Ambiente, que tem proporcionado às/aos estudantes diferentes olhares acerca do ambiente social.

OS LUGARES

O caminhar mapeando bairros, registrando histórias, produzindo saberes e conhecimentos em contato com ruas e arroyos, praças e banhados, arranha-céus e rios aproxima os/as estudantes das comunidades escolares. Experiências que tem nos proporcionado conhecimentos fortemente vivenciados, não se tratam somente de conhecimentos consagrados como necessários à formação de um/a professor/a, mas sim conhecimentos que produzem outros sentidos e significados.

O que anotar? Como anotar? O que observar? Em muitos momentos não existe a voz do professor nem da professora, tampouco livros ou slides para focar a atenção. O texto das ruas, a voz da cidade e suas fronteiras, as imagens do ambiente podem ser lidas de múltiplas formas, se tornando construções pessoais, coletivas, construindo autorias sobre a cidade e seus habitantes.

Considerando o corpo como ambiente, o projeto está construindo aproximações entre o ritmo orgânico corporal e o ritmo da natureza não humana, possibilitando a percepção de que somos natureza e cultura, na

medida em que produzimos e instituímos sentidos e significados à vida e ao mundo. De outro modo, relações entre corpo, movimento e ambiente se apresentam como oportunidades de contato do/as licenciandos/as e professores/as com realidades urbanas e lugares de menos entropia, aguçando percepções e conhecimentos (PORTO-GONÇALVES, 2004). O mapa-ambiente de Uruguaiana, ao ser criado e experimentado de diferentes modos no decorrer das saídas, se torna parte do universo subjetivo do grupo de estudantes e professores/as, parte dos processos educativos de formação e constituição da docência.

A pesquisa participante, que orienta esta investigação, tem a imersão nas diferentes realidades como ponto de partida, e se caracteriza pela construção de conhecimentos acerca dos contextos em que se encontram as comunidades e as escolas. Para tanto, estamos utilizando registros áudio visuais e desenhos; também pretendemos organizar reuniões com professores/as, estudantes e direção das escolas dos bairros visitados, conversas com antigos/as moradores/as e demais contatos que permitam compor outras formas de olhar os bairros e seus habitantes. Seminários de estudos estão previstos com os/as integrantes do grupo de pesquisa, além de reuniões semanais para seguirmos organizando e projetando os caminhos do estudo e da pesquisa. A confecção de murais e elaboração de materiais para divulgação das atividades na imprensa local, além de textos postados no site da universidade, fazem parte das ações que vem sendo realizadas. As saídas de campo, na maioria das vezes, são realizadas a pé, mas também utilizamos bicicletas e demais meios de transporte que se mostrarem necessários.

Recursos disponíveis e imprescindíveis para o registro das realidades estudadas poderão ser usados, entre eles: lápis colorido, folhas para desenho, câmera filmadora e fotográfica, gravador, materiais para desenho, transporte para acessar comunidades mais distantes da região central, computadores e *notebooks* para registro, material gráfico (cartazes, panfletos), bicicletas, GPS, livros (montagem de uma pequena biblioteca), binóculos etc.

Cabe salientar que este projeto de trabalho não se restringe à observação de realidades sociais, mas propõe problematizar tais realidades. A qualidade e intensidade do projeto estão ocorrendo de acordo com a receptividade de cada comunidade.

Neste trabalho, a perspectiva metodológica não é seguida tal como receita, uma vez que o vivido não cabe dentro de determinado método, ele extrapola a mera objetivação, embora esta seja necessária e faça parte, inevitavelmente, de toda e qualquer ação social. Assim, os procedimentos metodológicos estão sendo construídos considerando a receptividade do grupo de estudantes e das comunidades envolvidas. Logo, o caminho a ser percorrido, tal como a criação e explicitação dos procedimentos metodológicos se darão junto aos sujeitos da pesquisa: acadêmicos/as e comunidades escolares.

OS CONHECIMENTOS EM CONSTRUÇÃO

Nestes movimentos, estamos construindo perfis socioambientais de comunidades escolares, oportunizando às/aos licenciandos/as retornarem às comunidades agora não como estudantes, mas como futuros/as educadores/as; percebendo o ambiente escolar não somente como um prédio em que se ensina, mas como um ambiente que se apreende e constrói relações e posições de sujeito. Apostamos que, no contato com as diferentes realidades educacionais, os/as estudantes poderão visualizar mais apuradamente os elementos culturais que caracterizam as identidades regionais ou a identidade regional:

A identidade cultural comunitária é um tema relevante da dimensão qualitativa... A razão histórica e concreta da coesão do grupo é o baú do qual se retira a fé em suas potencialidades, o horizonte do qual provém a envolvimento solidária, o fruto da comprovação da capacidade histórica de sobreviver e criar. (DEMO, 2005, p. 14).

Estamos refletindo sobre o hábito de andar como experimentação, prática corporal, exercício de liberdade, uma possibilidade de vivenciar o pertencimento como um dos componentes necessários à prática docente. Pertencimento compreendido como forma de restabelecer

laços socioambientais com a comunidade ou região e compartilhar significados. Como escrevem os autores em relação aos espaços da cidade, aos deslocamentos e seus/suas moradores/as:

O bairro é uma porta de entrada e de saída entre espaços qualificados e o espaço quantificado. O bairro surge como o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele a pé saindo de sua casa. Por conseguinte, é o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2008, p.41).

Este estudo tem se proposto oportunizar a percepção das diversas realidades locais, conhecer e identificar as pluralidades de modos de vida que comporta uma localidade; identificar áreas, locais e prédios capazes de contar os caminhos trilhados pela cidade; elaborar a escrita a partir dos registros sistemáticos tais como as observações e as narrativas de jornada; percorrer as distâncias do município a partir do deslocamento: andar e pedalar; sensibilizar os/as estudantes aos ambientes urbanizados e menos impactados pela ação humana; contrapor o tempo-máquina (carros, motocicletas, ônibus, aviões) ao tempo-orgânico; aproximar a Educação Física dos saberes ambientais, agregando mais esta dimensão à formação acadêmica; pretende construir roteiros geográfico-históricos e arquivos visuais da região; e, por último, tem a intenção de publicar a “Cartilha de Uruguaiana – os caminhos de uma cidade”.

A cartilha da cidade – mostrando o mapa socioambiental das comunidades escolares deverá, depois de elaborado, ser reproduzido e distribuído às escolas servindo como mais um instrumento para pensar projetos políticos pedagógicos, planos de estudo e regimentos.

Ao longo do projeto, estão sendo organizados e divulgados registros, produção de pôsteres e demais trabalhos a serem apresentados e publicados em eventos e periódicos da área, além de textos e relatos distribuídos nos órgãos de imprensa e no site da universidade.

A seguir apresentamos o Cronograma de Atividades, demarcando as ações propostas e realizadas, em andamento ou projetadas para o ano de 2012:

1ª Fase – Conhecendo as margens da cidade

- Montagem do grupo de estudos sobre movimento e ambiente;
- Quatro saídas de campo explorando os limites da cidade Norte Sul Leste Oeste;
- Construção de murais a serem expostos no campus.

2ª Fase – Conhecendo as comunidades escolares

- Divisão da cidade em 10 bairros e escolha das escolas que servirão de base para a continuidade do estudo;
- Levantamento social, econômico e ambiental das comunidades escolares escolhidas;
- Construção e experimentação de roteiros, a seguir, oportunizar/ oferecer caminhadas para professores/as e estudantes das escolas.

3ª Fase – A realidade como currículo

- A partir das realidades observadas, estudadas e dos aspectos levantados no decorrer das saídas problematizar os modos de construção dos Projetos Político Pedagógicos.

4ª Fase – O mapa socioambiental

- Confecção do Mapa socioambiental da cidade;
- Impressão e distribuição dos mapas à Secretaria Municipal de Educação;
- Seminário de Lançamento da publicação.

CIDADE COMO CURRÍCULO: RELATOS E REGISTROS - MOVIMENTOS INICIAIS

Estamos, neste primeiro semestre de projeto, cartografando o município e suas fronteiras a partir da experiência de andar, ver e registrar;

investindo em produções videográficas e fotográficas das saídas de campo. Estamos apresentando a cidade como campo de estudo da cultura local e a Educação Física vem se mostrando como importante componente curricular gerador de processos interdisciplinares, que alarga o espaço pedagógico escolar/institucional e percebe a cidade como currículo.

Nos parágrafos que seguem, trazemos alguns registros socioambientais produzidos até o momento por estudantes integrantes do grupo de estudo.

Uma das criações iniciais foi a logomarca do projeto, esta foi reproduzida em camisetas, coletes e serve para identificar e reconhecer o trabalho e o estudo dos/as os/as integrantes do grupo de estudos.

Quanto às caminhadas, as duas primeiras exploraram os limites noroeste e nordeste da parte urbana do município de Uruguaiana, uma se dirigiu ao arroio X, à esquerda da ponte internacional que liga X-X, e outra na direção oposta, até chegarmos ao Arroio X. Abaixo fragmento de um relato estudantil:

Para apresentar as diferenças nas percepções, atitudes e condições socioambientais do município realizamos uma caminhada pela região norte- noroeste, indo do centro às periferias da cidade, passando pelas costas do rio até o arroio, local onde fica o marco inicial dos limites do município. Ao longo da caminhada, percebemos que há muitas diferenças sociais e culturais entre região central-periférica (estudante).

Nossa terceira saída foi uma pedalada, seguramente esta terceira atividade do grupo ofereceu as maiores incertezas e dificuldades tanto no aspecto climático (ainda chovia pela manhã e vento muito forte), de equipamento (muitos integrantes não possuíam bicicletas) e também de ordem familiar, pois parte significativa do grupo aproveitou o feriado para visitar a família e não se encontrava na cidade. O trajeto não era dos menores, pretendia-se sair do Sá Vianna pela Iris Walls até encontrar a Salgado Filho de onde se rumaria para o QG (Quartel General), retornaríamos passando pelo Cemitério Municipal até chegar aos quartéis, onde pegaríamos o retão da Rua Setembrino até dobrarmos na Rua Santos Dumont para, enfim, subir em direção ao centro e terminar no parque – parque central da cidade. Neste percurso, percorremos cerca de 17 km.

O grupo de 10 estudantes da universidade completou o circuito em uma hora e cinco minutos, com algumas paradas rápidas e eventuais, atravessando os bairros Nova Esperança, Alexandre Zachia, Cabo Luiz Quevedo, Rio Branco, São Miguel, Vila Júlia, Ipiranga, Emílio Branch Santo Inácio, São João Centro, sempre sobre a proteção e orientação segura da Brigada Militar e da Guarda Municipal.

Mais uma vez, como costuma acontecer em nossas saídas, a cidade se mostrou plena de histórias, repleta de recantos esquecidos/desconhecidos e de lindas paisagens abandonadas, alguns sustos e surpresas como leves quedas e machucados. Enquanto pedalávamos em grupo uma estranha sensação de liberdade nos contagiou ao passar por tantas casas de tantas cores e formas, quase tantas quantas as pessoas que nelas vivem. As contradições sociais reaparecem de outra forma aos nossos olhos como, por exemplo, o prédio abandonado que foi construído para ser universidade. Este está localizado em cima de um antigo curtume e não pode ser ocupado, uma vez que o solo está contaminado.

Com esta terceira atividade o grupo passou por cerca de 90% dos bairros da parte urbana da cidade, e acredita estar compondo registros de valor acadêmico tendo *a cidade como currículo* e uma *pedagogia das ruas* como estratégia educativa.

Percebemos com satisfação como o projeto vem motivando a produção acadêmica, haja vista que com apenas um mês de existência e com uma única caminhada havíamos aprovado trabalhos que envolveram a autoria de 17 estudantes. Estas produções constituem partes de trabalhos apresentados no *VI Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura* em julho de 2011 na cidade de Pelotas, ganharam a forma de pôsteres (3), documentário (1) e fotografia (2). Sobre esta vivência em Pelotas uma acadêmica escreveu em matéria publicada na imprensa local:

Baseado nas práticas sobre caminhadas e pedalada desenvolvidas entre os meses de maio e junho (largo do rio em direção aos arroios e zona urbana limítrofe), o grupo construiu e apresentou seus trabalhos diferenciados contemplando a região da cidade, referindo-se ao meio ambiente local. Foram divulgados pôsteres com os temas: “caminhar, correr e pedalar – o corpo (re)conhecendo-se no ambiente”; “Beleza além da degradação” e “Na beira do rio”. Também houve

exposição de fotos e vídeo da primeira saída de campo, na zona do C. Entre os cinco trabalhos aprovados no referido congresso, cabe salientar que o grupo foi elogiado pelos organizadores, acadêmicos e até mesmo palestrantes, pelas atividades práticas que vem desenvolvendo dentro do ambiente acadêmico da universidade e principalmente por englobar a área ambiental da cidade (estudante).

Outro desdobramento inesperado e bem recebido foi o interesse da Secretaria Municipal de Turismo pelo nosso projeto, representantes da administração municipal convidaram grupo de estudos para uma visita orientada à comunidade de São Marcos, local em que está o *Parque Municipal*, reserva natural do Bioma, anteriormente chamada Floresta Subtropical pela sua grande biodiversidade. Visitamos também as ruínas da Estância, considerado marco da pecuária riograndense, atividade criada pelos jesuítas em 1627. Este encontro com a história e a biologia foi descrito nos relatos estudantis:

Neste último sábado, 09 de julho, o Grupo de Estudos formado por professores/as e acadêmicos/as realizou caminhada na região, interior do município. A convite da Prefeitura Municipal, Secretaria de Indústria, Comércio, Turismo e Trabalho, com o intuito de desbravar a área a fim de contemplar um futuro potencial turístico para a região, o grupo se dispôs ao descobrimento, e talvez ao (re)conhecimento das áreas visitadas. O parque possui área aproximada 3.000ha e está à margem esquerda do Rio. A caminhada teve início na entrada da Associação dos Amigos do C., com breve pausa para visita à vinícola da fronteira e as particularidades do 5º Distrito. Na direção do rio e com destino ao P. do A. pode-se contemplar a riqueza ambiental que lá existe. No meio do caminho encontramos a passada obstruída pelo volume das águas. Retornando ao C. o grupo caminhante decidiu que após o almoço seguiria para as ruínas da Estância Santiago, pouco distante dali, porém de muita riqueza cultural e importância histórica para a Fronteira Oeste, seja para os lados brasileiro, argentino ou uruguaio. Com a coordenação do Historiador Dagoberto, rumou-se vegetação adentro em busca das ruínas. Chegado lá se pode obter uma aula de História acerca de nossos antepassados indígenas e sua importância para o povoamento das cidades ao redor. O grupo foi o primeiro grupo que experimentou as trilhas propostas, e desde já as aprova, dando seguimento aos seus trabalhos a partir do 2º semestre, não deixando de lado seu maior objetivo: (re)conhecer a cidade através de novos olhares (estudantes).

Os textos produzidos, tais como o referido acima, foram encaminhados para jornais locais e, com isso, conquistamos e estamos mantendo uma coluna semanal em um dos jornais da cidade. A intenção é prosseguir

no 2º semestre, atentos/as aos modos de vida das populações dos bairros visitados, focando nosso olhar nas instituições escolares e seus entornos.

O trabalho vem adquirindo características de projeto de extensão. Extensão entendida na concepção de prática educativa que tenta romper hierarquias de saber; nesta concepção, o “acadêmico” busca uma relação mais horizontalizada com o “popular”, não meramente instrumental, operacional, funcional, mas de invenção de saberes e conhecimentos.

Pensamos que processos educativos e pesquisas ganham força e significado se, às pessoas envolvidas, forem oportunizados momentos de criação e autoria. Autoria que se sustenta na relação que mantém com outros/as. Não existe autoria sem outros/as. A educação, a pesquisa e a ciência se tornam insípidas quando limitam ou circunscrevem as possibilidades de produzir saberes, quando tentam uma neutralidade confortável, perfeitamente aclimatada às exigências do pragmatismo econômico de mercado.

O trabalho se encaminha para duas possibilidades: em direção das comunidades escolares e para o alargamento da visão sobre a região em seus múltiplos aspectos; ou seja, ao mesmo tempo em que buscamos associar estudo de realidades com propostas pedagógicas, criamos oportunidades para estudantes se aventurarem em espaços, lugares, ritmos e ambientes não urbanizados, nas histórias esquecidas ou apagadas pelo mundo veloz, efêmero e imediato das cidades.

Acreditamos que o aprendizado da docência pode emergir com o movimento, no deslocar-se a pé pelos bairros e pela região central da cidade, no contato com pessoas, no conhecer e reconhecer universos socioambientais, nos modos de habitar, na valorização dos lugares em que vivemos, moramos, estudamos e trabalhamos, no encontro com culturas diferentes daquelas encontradas nos espaços acadêmicos.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. Obras Escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**
2. Morar e Cozinhar. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DEMO, Pedro. **Avaliação Qualitativa**. Campinas: Autores Associados, 1999.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa, 2004.

THOREAU, Henry. **Desobedecendo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

VELASCO, Sírio Lopez. **Introdução à Educação Ambiental Ecomunitarista**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2008.

Recebido: 24 outubro 2011

Aprovado: 16 janeiro 2012

Endereço para correspondência:

Álvaro Luís Ávila da Cunha

Rua Itaqui, 280

Balneário Cassino

Rio Grande - RS

CEP: 96205-150

alvaro.balas@gmail.com